

ISSN 0101-3335

LETRAS DE HOJE

Nº 118

DEZEMBRO DE 1999



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Curso de Pós-Graduação em Letras



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS - PUCRS

Chanceler

Dom Altamiro Rossato

Reitor

Professor Irmão Norberto Francisco Rauch

Vice-Reitor

Professor Irmão Joaquim Clotet

Pró-Reitor de Administração

Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

Pró-Reitor de Ensino de Graduação

Professor Francisco Alfredo Garcia Jardim

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Professor Monsenhor Urbano Zilles

Pró-Reitor de Extensão Universitária

Professor Gilberto Mucilo de Medeiros

Pró-Reitor de Assuntos Comunitários

Professora Laury Garcia Job

Diretor da Revista

Prof. Ir. Elvo Clemente

Conselho Editorial

para Assuntos Lingüísticos

José Marcelino Poersch, Leonor Scliar Cabral,

Leci Borges Barbisan, Regina Ritter Lamprecht,

Lêda T. Martins, Carmem Lúcia M. Hermadorea

Conselho Editorial

para Assuntos Literários

Gilberto Mendonça Telles, Petrona Dominguez de

Rodríguez Pasquês, Regina Zilberman,

Monsenhor Urbano Zilles, Maria Eunice Moreira,

Carlos Alexandre Baumgarten

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

Assinatura anual:

Brasil, R\$24,00

Exterior, US\$30,00

Número avulso, R\$8,00

Formas de pagamento:

Cheque nominal à

EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS - BR

E-mail: edipucrs@pucrs.br

<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje

Pós-Graduação em Letras - PUCRS

A/c Prof. Elvo Clemente

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

A Revista aceita permutas

On demande l'échange

We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

Composição:

PRINT LINE

Impressão:

EPECÊ

L649 LETRAS DE HOJE/Curso de Pós-Graduação em Letras

PUCRS, -n.1 (out. 1967)-, - Porto

Alegre: EDIPUCRS, 1967 -

v.; 22cm

Trimestral

ISSN 0101-3335

1. Lingüística - Periódicos. 2. Literatura - Periódicos

I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Letras.

CDD 405

805

CDU 8(05)

Índices para Catálogo Sistemático

Lingüística: Periódicos 80(05)

Literatura: Periódicos 82/89 (05)

Periódicos: Lingüística (05)80

Periódicos: Literatura (05) 82/89

Letras de Hoje

Temas Vários
de
Literatura

PUCRS

Sumário

Apresentação	5
Ensaio sobre a Cegueira: José Saramago ou Padre Antônio Vieira <i>Joanna Courteau</i>	7
Elisões e Alusões na Correspondência de Escritores <i>Leopoldo Comitti</i>	15
Desleitura: aletria. "A terceira margem do rio" e a dialé- tica da tradição <i>Eduardo Sterzi</i>	29
Lembra, palavra <i>Leandro Sarmatz</i>	47
O coronelismo na obra de Jorge Amado: <i>Terras do sem fim e Cacau</i> <i>Cléria Maria Monteiro da Silva</i>	59
O foco narrativo em A Hora da Estrela <i>Maria de Lourdes Ferrari Horta</i>	69

Apresentação

O número 118 de Letras de Hoje tem uma composição heterogênea não obedece a um tema único.

Tem assuntos da Literatura rio-grandense, da Literatura brasileira e de Portugal. Aparece a entrevista de Gilberto Mendonça Teles com José Saramago e outra entrevista de Gilberto com os alunos de Letras da Universidade de Caxias do Sul.

Joana Corteau apresenta interessante ensaio sobre a Cegueira. Leopoldo Comitti analisa a correspondência de escritores com elisões e alusões. Eduardo Sterzi oferece uma desleitura: com "A Terceira margem do rio". Leandro Sarmatz lembra palavra. Cléria Maria Monteiro da Silva volta-se ao estudo do coronelismo na obra de Jorge Amado. Maria de Lourdes Ferrari Horta lembra Clarice Lispector com *A Hora da Estrela*. Elizabeth Robin Zenkner Brose focaliza o *existencialismo* no referido romance de Clarice. Daniela M. Segabinazi Meister discute o romance-reportagem e o romance-denúncia. Elsa Dias dos Santos volta ao tema do cacau baiano na obra de *Adonias Filho*.

Neste belo calidoscópio vê-se o esforço do verdadeiro estudo da literatura, a conquista do sentido das obras literárias através dos variados métodos, pois cada obra tem a sua porta secreta por onde expõe seus segredos.

Em tudo há belo trabalho que a Revista Letras de Hoje sabe dar guarida para a luz de seus leitores e alimento para as pessoas sedentas e famintas de conhecer a beleza e o mistério do texto que revela um aspecto do ser de cada pessoa, feita à imagem de Deus.

O existencialismo em <i>A Hora da Estrela</i> Elizabeth Robin Zenkner Brose	77
O romance reportagem e romance denúncia em <i>Malhação do Judas Carioca e Aracelli Meu Amor</i> Daniela M. Segabinazi Meister	91
Adonias Filho: A Trilogia do Cacau Elsa Dias dos Santos	101
Entrevista sobre o Nobel de José Saramago Gilberto Mendonça Teles	111
Reseña Petrona D. Rodríguez-Pasqués	121
Resenha Irmão Elvo Clemente	125

*Ensaio sobre a Cegueira:
José Saramago ou
Padre Antônio Vieira*

*Joanna Courteau
Iowa State University*

Padre Antônio Vieira dedicou um grande número de sermões ao estudo da cegueira. Entre eles salientam-se o da Sexagésima, de 1655, e a série da três sermões preparados para a quinta semana da Quaresma, sendo o mais elaborado pregado duas vezes (Quarta e Quinta-Feira) na Misericórdia de Lisboa em 1669. No sermão da Sexagésima de 1655, ele aponta para o significado metafórico da palavra cegueira, quando fala dos olhos como sede de entendimento. Neste significado apoiam-se os três sermões da quinta semana da Quaresma. "Para um homem se ver a si mesmo são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento."¹

Nos sermões preparados para a quinta semana da Quaresma Antônio Vieira explora as possibilidades do que acontece quando o homem não concorre com os olhos. Ele elabora em grande detalhe a sua teoria da cegueira do homem, que vê sem ver. No Sermão da Terça-Feira, ele fala de ver e ser visto, concluindo que as obras boas só podem ser boas quando não haja ninguém, com exceção de Deus, que as possa ver; e são ainda

¹ "Sermão da Sexagésima". Pregado na capela Real no Ano de 1655. Padre Antônio Vieira. *Os Sermões*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1963, p. 77.

* mais heróicas se feitas pensando que nem Deus pode vê-las.² No Sermão da Quarta-Feira,³ o qual ele repete na Quinta-Feira, ele explica as três espécies da "cegueira de olhos abertos" (p.92), "d'os que têm olhos e não vêem" (p. 89), atribuindo-as a três causas principais: falta de atenção, falta de emoção ou paixão, e extrema presunção, sendo a última a pior cegueira (p. 114). "Todas estas cegueiras se acharam hoje nos escribas e fariseus: e todas (por maior ou igual desgraça nossa) se acham também em nós (95)."

Neste sermão, cuja importância é realçada pelo fato de ele ser repetido no dia seguinte, Vieira faz um apelo dramático aos grandes da Europa para que vejam as grandes calamidades da época: as guerras, as mortes, as pobreza, as opressões, as fomes, os cativos, a assolação; aos dirigentes da Igreja ele pede que vejam a irreverência, o abuso, os escândalos; aos políticos pede que vejam as injustiças, os roubos, os subornos, o poder dos grandes, a vexação dos pequenos; aos pais de família roga que vejam o descaminho da família. A todos pergunta, "Ou o vedes, ou o não vedes. Se o vedes, como o não remediais? E se o não remediais, como o vedes? Estais cegos." (p. 118) Ele invoca o dever cristão "Ou vemos tudo isto, cristãos, ou não o vemos. Se o não vemos como somos tão cegos. E se o vemos como o não remediamos? Pois se o havemos de remediar alguma hora, quando há-de ser esta hora? Na hora da morte? Na última velhice?" (p. 119) Vieira conclui este sermão, implorando a Deus que, "ao menos um cego saia hoje daqui alumiado." (p. 120)

Trezentos e vinte cinco anos mais tarde este cego alumiado "ressurge" no romance de José Saramago intitulado *Ensaio sobre a Cegueira*,⁴ na personagem da mulher do médico. O papel desta mulher no nível da narrativa é precisamente este: desvendar os olhos dos outros cegos. Este papel é paralelo ao do autor no nível comunicativo. Neste nível, o *Ensaio sobre a cegueira* representa não só uma resposta, mas uma afirmação do ser-

mão de Antônio Vieira. O diálogo intertextual que assim se estabelece entre o Sermão de Vieira e o romance de Saramago faz parte do processo dialógico, descrito por Mikhail Bakhtin: "Every utterance enters into a relation with past utterances and with those of the future, which it foresees as answers."⁵ A descrição deste processo é ampliada por Julia Kristeva, que visou todo texto como esponja que absorve e transforma "*une multiplicité des autres textes*."⁶ Mas o que principalmente caracteriza esta resposta de Saramago aos Sermões de Antônio Vieira é o fato de que o texto de Saramago constitui não tanto uma reescritura, como uma afirmação do texto de Vieira. Para ilustrar o seu discurso sobre a cegueira, Antônio Vieira nos oferece vários exemplos do Antigo e do Novo Testamento; a contribuição de José Saramago é simplesmente oferecer mais um exemplo, mas um exemplo atualizado, acessível ao leitor contemporâneo. Saramago logra expandir o alcance da voz de Vieira através desta atualização da leitura dos seus Sermões dedicados à cegueira. O processo dialógico que adota Saramago encontra um enquadramento teórico no conceito de "extensão" de Michel Butor, o qual vê na leitura crítica uma apropriação e transformação do texto original passando este a fazer parte da própria imaginação do leitor crítico. Tal leitor crítico não reescreve o texto original, mas completa-o.⁷

Para atualizar a sua leitura dos Sermões de Vieira, Saramago constrói uma narrativa fictícia, mediante a qual ele ilustra o conceito da cegueira elaborado por Vieira. Esta narrativa assume a forma de uma anti-epopéia, uma distopia futurística, ou seja, uma ilustração hiperbólica desta "cegueira de olhos abertos", capaz talvez de desvendar os olhos, ao menos a um cego da época atual. Apesar da modernização, este ensaio de Saramago, este exercício em "performance" de persuasão, mantém-se fiel aos traços delineados por Vieira. Desta maneira Saramago privilegia o leitor, tratando-o como um ser inteligente e bem informado, que, ao receber a sua mensagem, transfor-

² Sermão da Quinta Terça-Feira da Quaresma. *Sermões*, Vol. II. Porto: Lello e Irmãos, 1959. pp. 80-82.

³ Sermão da Quinta Quarta-Feira da Quaresma Pregado ha Misericórdia de Lisboa, no Ano de 1669. *Sermões*, Vol. II. Porto: Lello e Irmão, 1959, pp. 87-130.

⁴ Saramago, José. *Ensaio sobre a cegueira*. Lisboa: Caminho, 1995.

⁵ Todorov, Tzvetan. *The Dialogical Process*. Minneapolis: U. of Minnesota Press, 1984. p. 53.

⁶ Kristeva, Julia. *Sémiotiké-Recherche pour une Sémanalyse*. Paris: Seuil, 1969. p. 174.

⁷ Butor, Michel. *Repertoire III*. Paris: Genuit, 1968. p. 73.

mar-se-á em seu cúmplice, completando o sentido desta dentro do perímetro contextual estabelecido por Antônio Vieira.⁸ O diálogo com Vieira travado estabelece-se já no primeiro capítulo, no qual o médico afirma ao primeiro cego que tem os olhos perfeitos, "Se os meus olhos estão perfeitos, por que estou cego," pergunta o homem. Depois de acalmá-lo com várias frases feitas, o oftalmólogo, ao encontrar-se só, "entrou no pequeno quarto de banho anexo e ficou a olhar-se no espelho durante um longo minuto, que será isto, murmurou (p. 24)?" Esta contemplação no espelho, que evoca o Sermão da Sexagésima, continua com referência ao auto-conhecimento "fizemos dos olhos uma espécie de espelhos virados para dentro (p. 26)." Os olhos, portanto, têm aqui como no Sermão de Vieira, a capacidade de mostrar o que somos.

Os três primeiros cegos exemplificam as três espécies de cegueira de Vieira: o primeiro cego, sentindo-se muito importante, ocupado demais com a sua vida, não presta atenção a nada em seu redor, só vê a luz do semáforo que lhe impede a passagem. A segunda cega, mulher que se dedicava à prostituição por prazer, sem pensar nas conseqüências, perde a vista no momento sublime de paixão. E o terceiro cego é o ladrão presumido que, guiando o primeiro cego à sua casa, nem se dá conta do que está fazendo para poder roubar o seu automóvel, sem entender, portanto, que está ele mais cego do que o cego a quem guiava.

O mundo do manicômio para o qual são mandados os cegos, uma representação metonímica da cultura atual, exhibe todas as calamidades elaboradas por Vieira: fome, cativeiro, opressão, pobreza, injustiça, suborno, roubo, violação e morte. Há n' *O Ensaio sobre a Cegueira*, adicionalmente, uma ênfase especial no desgaste do meio-ambiente e a urgência da hora. No sermão da Quinta Quarta-Feira, Vieira nos anima a agir agora, porque a vida do homem é curta, "neste dia, porque na hora da morte é tarde demais"; no *Ensaio*, ao sair do manicômio, a mulher vidente reconhece que não há tempo a perder, porque a vida do planeta parece ter chagado ao fim. Ela entende que o fim cataclísmico do mundo já está aqui, permeando tudo que

nos rodeia: "O tempo está-se a acabar, a podridão alastra, as doenças encontram as portas abertas, a água esgota-se, a comida tornou-se veneno... Abramos os olhos." À resposta, "não podemos, estamos cegos," responde a mulher vidente com uma alusão direta ao Vieira: "É uma grande verdade a que diz o pior cego foi aquele que não quis ver (p. 283)."

Esta mulher, a única vidente, porque reconhece até a sua própria imperfeição, compreende que não pode continuar como a única vidente. Por si só, não poderá remediar os problemas deste mundo, um mundo no qual até todas as representações, todas as imagens de Deus, têm os olhos vendados, referência clara outra vez à afirmação de Vieira que há de obrar-se bem, ainda que Deus não nos visse. Na cosmogonia contemporânea este pensamento é traduzido pela mulher como a necessidade existencial de valer-nos nós mesmos neste mundo, já que nós estamos. A crítica de Vieira contra o abuso, a irreverência, os escândalos da Igreja, vê-se expressa sagazmente neste episódio de imagens vendadas. No comentário do médico sobre as imagens vendadas: "As imagens não vêem, as imagens vêem com os olhos que as vêem." Em outras palavras, as imagens não podem ver, a sua habilidade de ver emana da crença da dos que as contemplam. "Esse padre deve ter sido o maior sacrílego de todo os tempos e de todas as religiões, o mais justo, o mais radicalmente humano, o que veio aqui para declarar finalmente que *Deus não merece-ver.*" (302, grifo meu) Em prática, o episódio das imagens vendadas visa objetivo paralelo ao Sermão de Vieira: mereça Deus ou não, a ação do homem tem que ser tal "como se Deus a não vira." (Terça-Feira, 82) Antes de deixar a Instituição da Igreja inclui Saramago uma leve crítica dirigida ao seu materialismo. Enquanto Vieira levanta a voz retumbante contra a acumulação dos bens eclesiásticos, Saramago fornece um detalhe leve e cômico, mas igualmente certo. Ao deixarem a Igreja, os que dela escaparam ao ouvir das imagens de olhos vendados, deixaram atrás a acumulação de todos os seus bens para o proveito de outros cegos.

Tentando abrir os olhos dos outros cegos, a mulher vidente organiza o seu grupinho para que possa sobreviver na

⁸ Cf. Campbell, Karlyn Kohrs. *The Rhetorical Act*. Belmont: 1982. p. 7.

ausência dela "organizar-se já é começar a ter olhos." (p. 282) Quando no fim deste "vero relato" (p. 309) todos recuperam a vista, a perda da qual pelas referências intratextuais poderia ter sido um sonho, ou melhor dito, um pesadelo, a mulher vidente explica o caso com outra alusão direta a Vieira: "Penso que não cegamos, penso que estamos cegos. Cegos que vêem, cegos que vendo, não vêem." (p. 310).

Em resumo, por meio desta narrativa parabólica, Saramago espera poder, no nível comunicativo, persuadir-nos os leitores privilegiados, para que vejamos a cultura da nossa época pelo que é, uma cultura de consumo, de desperdício, de contaminação do meio-ambiente; e, se pudermos ver, devemos reparar (como diz na capa a citação "Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara", do *Livro dos Conselhos*), reparar no sentido medieval de consertar. Com a estratégia de embeber o texto de Vieira no seu texto, de ilustrar a teoria dele com o seu exemplo, Saramago elogia o leitor, que, sentindo-se de tal maneira abalado, completa a seu mensagem, transformando-se assim num cúmplice do autor. Como seu cúmplice, o leitor não só compreende, mas concorda com esta mensagem: o mundo de fato está numa condição lamentável. Na minha opinião, porém, por si só, esta admissão não satisfaz o autor (opinião esta confirmada pelo autor numa entrevista pública realizada durante o Congresso da AIL, ocorrido no Rio de Janeiro, em agosto de 1999). Tendo dirigido o leitor privilegiado ao texto de Vieira, Saramago aproveita a oportunidade para apropriar-se da sua voz para fustigar-nos a nós, os intelectuais, os letrados da nossa época, que devíamos compreender, mas que, como os escribas e os fariseus, divertimo-nos com jogos vazios de palavras. José Saramago, apropria-se da voz do Antônio Vieira, precisamente para atingir aos intelectuais da nossa época, para incitá-los à ação, lembrando-lhes que ao não o fazerem são os mais cegos dos cegos. Em palavras de Antônio Vieira:

O cego que conhece a sua cegueira não é de todo cego, porque, quando menos, vê o que lhe falta: o último extremo da cegueira é padecê-la e não a conhecer. Tal era o estado mais que cego destes homens, dos quais disse agudamente Orígenes, que chegaram a perder o sentido da cegueira: *Caecitatis sensu caren-*

tes. A natureza, quando tira o sentido da vista, deixa o sentido da cegueira, para que o cego se ajude dos olhos alheios. Porém os escribas e fariseus estavam tão cegos dos seus, e tão rematadamente cegos, que não só tinham perdido o sentido da vista, senão também o sentido da cegueira: o da vista, porque não viam, o da cegueira, porque a não viam. Argüiu-os Cristo hoje tacitamente dela, e eles que entenderam o remoque, responderam: *Nunquid, et nos caeci sumus?* Porventura somos nós também cegos? Como se disseram: os outros são os cegos, porém nós, que somos os olhos da república, nós que somos as sentinelas *da casa* de Deus, nós que temos por ofício vigiar sobre a observância da fé e da lei, só nós temos luz, só nós temos vista, só nós somos os que vemos. Mas por isto mesmo era maior a sua cegueira que todas as cegueiras, e eles mais cegos que todos os cegos. Porque não pode haver maior cegueira, nem mais cega, que ser um homem cego, e cuidar que o não é. (Quarta-Feira, p. 110).

No nível comunicativo, então, apropriando a voz de Antônio Vieira, José Saramago dirige estas palavras a nós, os vigias da nossa cultura, os que somos os mais cegos dos cegos por não vermos, não agirmos, não repararmos, por não dedicarmos-nos ao ofício de guardar esta cultura do consumo, do desperdício, da contaminação que estão a destruí-la. Através deste subterfúgio retórico de intrasercção do texto de Vieira, é a nós, os escribas, os teóricos de literatura e cultura, que se dirige Saramago com as palavras tão fortes de Padre Antônio Vieira, esperando, contra toda a esperança, que de entre nós "saia um cego alumiado."